II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Eixo temático: Subjetividade e saúde humana.

A SUBJETIVIDADE DO LUTO NOS FAMILIARES SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO

Mariana M. Pedersoli, Centro Universitário de Brasília UniCEUB,

mariana.pedersoli7@gmail.com

Stéfany A. Aguiar, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, aguiarstefany@gmail.com

Valéria D. Mori, Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, morivaleria@gmail.com

RESUMO: Por ser uma morte provocada, a morte por suicídio é tratada de maneira diferente dos outros tipos de morte, sendo muitas vezes vista como um evento que precisa ser silenciado. Uma das consequências disso é um luto diferenciado para os familiares e pessoas próximas do ente suicida, que são chamados na literatura de “sobreviventes do suicídio”. Dessa forma, pensa-se no quão patológico é o processo de enfrentamento do luto nessas condições e como as auto-configurações das pessoas enlutadas podem se alterar em detrimento do episódio do suicídio. O referencial teórico utilizado nessa pesquisa é o da Teoria da Subjetividade que foi criada por Fernando Luis González Rey fundamentada no enfoque histórico cultural. A proposta é analisar os processos de subjetivação do suicídio tanto individualmente quanto socialmente e as formas que podemos gerar visibilidade sobre esse processo que muitas vezes não é discutido em razão do tabu que o tema da morte se presencia no contexto atual. Faz-se então, de extrema importância a criação de projetos que desenvolvam práticas de apoio a essas famílias, para que possam desenvolver uma capacidade maior de aceitação e reinvestimento em suas emoções na vida e no viver, havendo assim, uma configuração autônoma em relação ao outro.

Palavras-Chave: Familiares, Luto, Subjetividade, Suicídio.

**BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB**

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

A emergencialidade na qual vive a sociedade moderna é polêmica e, muitas vezes, constrangedora. O dia a dia, a falta de controle sobre olhar para si mesmo e o pouco tempo dedicado para estes processos causam, de certa forma, um grande afastamento do que constitui de fato o indivíduo e suas relações afetivas. Estes fatores são aliados para o surgimento de diversas doenças rotineiramente ouvidas, sentidas e até entendidas como “normais” e comuns na sociedade consumista, emergencialista e competitiva vigente (BARRA, 2005; RAAD & TUNES, 2006).

A constância inconstante do cotidiano vivido e presenciado do ser humano o faz dele, muitas vezes, um ser desumano. As relações afetivas que deveriam se dar pelo encontro entre o eu e o outro, muitas vezes, não se dá desta forma, pois existe toda uma elaboração preconceituosa que prejudica o processo de encontro, o que faz refletir sobre a defasagem das relações afetivas. A essência do real se perde pela coisificação do ser, pelos seus pré-julgamentos e de fato, por julgamentos que nada condizem com o que se está ali no presente. A sociedade contribui para isso. O mundo gira em torno de categorizações e distanciamentos, muitas vezes, nem percebidos, mas extremamente violentos (BARRA, 2005; RAAD & TUNES, 2006). O homem constitui e é constituído pela e na complexidade social, o que faz com que os distanciamentos entre as pessoas sejam cada vez mais presentes na rotina das mesmas, pois a própria constituição delas se forma com esta ausência do encontro consigo mesma e com o outro.

As visões hegemônicas da sociedade contemporânea são resultado de diversas dominações sofridas e realizadas, além de inúmeras situações excludentes de cunho religioso, patrimonial, cultural, dentre outros. Esta junção de fatores ajuda a construir uma sociedade, de fato, excludente, onde a procura pelo “fazer” e “ser” normal é predominante. Esses processos tomam forma na subjetividade social e tem desdobramentos distintos em uma sociedade concreta. O suicídio é muito pouco discutido na sociedade, é um tema tido com “tabu”, um tema que não pode ser falado, o que expressa como a subjetividade social brasileira se configura

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

com relação ao tema da morte e da forma como ela acontece. O “não falar sobre” está relacionado, muitas vezes, com as crenças e religiões das pessoas que são processos que se configuram simbólica e emocionalmente e tem desdobramentos em diferentes níveis da vida das pessoas e das sociedades. As subjetividades individuais e sociais são construídas simultaneamente e fazem parte de um processo constante que se constituem permanentemente. O fato de não discussão sobre determinado assunto por este ser repleto de superstições e crenças, fazem com que as subjetividades individuais se reconfigurem incessantemente, pois a forma que as pessoas se relacionam com esses processos são distintas uma das outras, ou seja, a maneira única como as pessoas subjetivam, fazem com que estes processos se configurem e tomem forma em termos simbólicos e emocionais, principalmente em pessoas próximas a alguém que cometeu suicídio (GONZÁLEZ REY, 2002). Como o suicídio é subjetivado tanto individualmente quanto socialmente e de que forma podemos gerar visibilidade sobre um processo que muitas vezes não é discutido em razão do tabu que o tema da morte se presencia no contexto da nossa sociedade?

O indivíduo se constitui perante as vivências que se tem, mas, além disso, ele se constitui perante as produções que ele fez sobre as experiências que possuiu. Deve-se olhar para o ser humano com uma visão integral e indissociável dos seus sentidos subjetivos que são constituídos e construídos com a complexidade social em que ele se encontra, ou seja, com o cenário histórico e vivencial dele. O luto pela morte de algum familiar ou amigo próximo deve ser observado pela singularidade com que o fato é vivenciado e sentido. Um suicídio evoca grandes reflexões, pois é uma morte nada comum, é uma morte provocada e que possui como consequência um luto diferenciado para os familiares e pessoas próximas do ente suicida. Deve-se perceber que a subjetividade social perante este tema provoca um tratamento distinto para com os familiares do indivíduo que se atentou contra a própria vida, o que faz pensar que a partir dessa morte, as subjetividades individuais são reconfiguradas, pois além das pessoas necessitarem de uma nova organização, elas ainda a fazem em relação às exigências do contexto social a que pertencem o que influi diretamente em sua condição de existência (GONZÁLEZ REY, 2002).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

Este pensamento contribui para a superação de se olhar para fenômenos e emoções de maneira íntegra e complexa, na qual existe uma multiplicidade de fatores que podem estar envolvidos com tal processo, e que estes fatores se constituem permanentemente com o social e o individual. Com isso, deve-se excluir a ideia de que o ser humano é isolado e produzido apenas pelo social e seu significado, mas sim pela concepção de seus sentidos perante determinados acontecimentos de sua vida. (GONZÁLEZ REY, 2006b; GONZÁLEZ REY, 2002). Além disso, é de grande valia ressaltar que as emoções possuem um papel muito importante na geração de outros processos psíquicos. Tudo faz parte de construções e produções subjetivas que caracterizam a forma de lidar com determinadas situações e de vivenciar a vida, de maneira geral. As configurações subjetivas devem ser pensadas e valorizadas singularmente, o que faz pensar em sobre como as famílias enlutadas percebem e se constituem após a perda do familiar e sobre como um “tabu” social é experienciado por pessoas que acabam por se inserir nesta amplitude preconceituosa e mal vista socialmente (GONZÁLEZ REY, 2002).

Os suicídios são tratados com imenso temor e abafados de maneira explícita, e muitas vezes, implícita, até mesmo pela própria família do suicida. A sociedade impõe maneiras de viver e de morrer e, com certeza, o suicídio não entra neste “jogo”. O trâmite entre a vida e a morte pode ser o mais horrível possível para uma pessoa, entretanto o suicídio desta é o que provoca maior comoção. A família enlutada é que mais sofre. Ela não sofre apenas o fato da perda de alguém, mas sofre também as consequências do tabu social, pois o suicídio não é conversado, muito pelo contrário, ele é abafado, pois provoca medo e, consequentemente, afastamento. Esse pensamento demonstra como as representações sociais dominantes limitam a expressão da subjetividade individual e como a subjetividade social é preponderante para a disseminação deste “tabu”.

O luto de uma família enlutada pela perda de um ente querido suicida é diferente de um luto vivido por alguém que morreu por doença, por acidente de carro, ou por qualquer outra forma de se morrer. Na medida em que o suicídio é um tema difícil, ele mobiliza processos subjetivos que expressam a vergonha, o mal-estar nessa experiência. A morte por outros motivos, ainda que seja um tema difícil não tem efeitos da mesma maneira na subjetividade social, pois as representações sobre ela não estão marcadas pelo preconceito de uma forma tão

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

intensa quanto no suicídio. As pessoas que perdem alguém de forma não provocada e as pessoas que dão suporte para a família que perdeu este alguém, tratam da morte como algo até planejado por Deus, ou seja, a subjetividade social é extremamente presente neste aspecto, pois pessoas acreditam que, de fato, a morte era algo que tinha que acontecer naquele dia, naquela hora e daquela forma, algo como uma missão cumprida na Terra. O fato de Deus estar presente neste processo mobiliza sentidos subjetivos que possibilitam avançar na adversidade da situação (para pessoas que acreditam na existência dele, claro). Entretanto, a forma de enfrentamento perante a morte de um suicida não se dá por este tipo de apoio. As pessoas não conversam sobre, pois o suicídio é sinônimo de medo, de pânico, de algo não provindo da vontade divina, algo “não de Deus”. O que acaba restando como suporte para esta família é a fé de rezar para pedir misericordiosamente a Deus o menor sofrimento possível do indivíduo suicida, pois sofrer, religiosamente, principalmente no catolicismo, religião dominante no mundo, o suicida irá (GONZÁLEZ REY, 2001).

Com isso, pode-se notar que não só a morte de um suicida se difere das demais, mas todos os desdobramentos posteriores. O luto é diferente e as formas de enfrentá-lo também. A partir desse olhar, deve-se pensar que crenças, assim como, as auto- configurações das pessoas enlutadas, podem se alterar em detrimento do episódio do suicídio. O luto em si pode provocar mudanças neste sentido, mas um pós-evento de suicídio tende a provocar muito mais. A discussão dessa perspectiva se volta para como e com que suporte uma família consegue se reestruturar após a perda de alguém por esse tipo de morte. Para tanto, ressalta-se a importância da subjetividade social sobre o tema e como esta pode influenciar na constituição e reconstituição dos indivíduos acometidos por este tabu de algo que precisa ser falado, mas que não o é (GONZÁLEZ REY, 2001).

Como acontece essa reestruturação familiar perante a perda de um ente querido por suicídio? Como suas crenças, sentidos e significados são elaborados perante este tipo de situação da qual todos os seres humanos em suas famílias podem passar?

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

JUSTIFICATIVA

A reflexão sobre famílias ou pessoas próximas enlutadas pela perda de um ente querido vítima de suicídio torna-se de grande relevância, pois a configuração subjetiva familiar é mobilizada após o evento. E como são vistas essas alterações? Como acontece o suporte dessas pessoas que ficaram e que aprendem, na prática, a lidar com este imenso tabu social? É com estas perguntas reflexivas que surge a ideia de elaborar um trabalho com o objetivo de procurar salientar os aspectos constituintes da subjetividade social e familiar de situações pós-eventos suicidas e como estes aspectos podem ser trabalhados de forma a tornar essa experiência como processo que pode se reconfigurar subjetivamente de forma a possibilitar que as pessoas avancem nos seus processos de vida com o maior bem do ser humano: suas relações afetivas.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

De acordo com Schlosser, Rosa e More (2014), o suicídio é caracterizado como um fenômeno ocorrido por uma série de fatores que podem ser psicológicos, ambientais, culturais, biológicos, políticos, todos eles fazendo parte da vida do indivíduo. Além disso, é visto também como um fenômeno paradoxal, pois desafia diversas áreas do conhecimento, como a psiquiatria, o direito, a filosofia e também a religião e o senso comum.

No processo de morrer, os aspectos subjetivos são atravessados por uma série de produções de sentidos que não se constituem apenas pela experiência do indivíduo, mas também são influenciados pela organização da cultura (MONTENEGRO, 2017). A configuração do suicídio na nossa sociedade se dá como um evento que precisa ser silenciado, sendo significado como um assunto que não se discute. Dessa forma, é necessário pensar o quão patológico é o processo de luto nessas condições. Segundo Tavares (2013), o luto nas mortes por suicídio pode se tornar muito doloroso porque desperta sentimentos distintos de um luto por uma morte involuntária, não provocada. Estes sentimentos podem ser de vergonha, raiva, ansiedade, medo, culpa, dentre tantos outros como a presença da negação, depressão, isolamento, não aceitação da ausência, problemas de ajustamento, dificuldades de estabelecer novas relações, sensação de desamparo, queda de produtividade, desenvolvimento de transtornos mentais, aumentos do uso de drogas ou álcool e desinvestimento em sua própria vida. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), para cada suicídio, de 5 a 10 pessoas sofrem graves consequências psicológicas, sociais, econômicas e emocionais geradas pelo ato de alguém de sua proximidade que o comete.

A partir do momento em que uma perda desse tipo fica constituída na história de alguém, essa pessoa tem a sua vida irremediavelmente marcada pelo evento. Essas pessoas são então chamadas de sobreviventes do suicídio. Segundo Tavares (2013) ser sobrevivente de um suicídio gera um impacto tão grande que este é um dos principais indicadores de risco futuro de suicídio, ou seja, pessoas que se relacionaram com alguém que se matou estão em maior

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

risco do que a maioria das outras pessoas. O impacto da perda de uma pessoa pelo suicídio não se limita a família ou aos amigos. Os profissionais de Saúde Mental convivem com o risco ou a possibilidade de vir a perder um de seus pacientes e, consequentemente, também podem ser afetados por esta perda.

Tavares (2013) explica que uma das maneiras de o profissional enfrentar a situação sem entrar em sofrimento, é se permitindo se colocar também como um sobrevivente. Primeiro, no entendimento antecipatório de que o suicídio é um risco, depois, na sua relação com um suicídio que já aconteceu e, em seguida, é importante considerar sua posição pessoal em relação ao valor da vida e da morte. Pensar-se como sobrevivente é um caminho para que se possam adquirir habilidades como empatia e escuta qualificada na hora de tratar casos de risco. Para esses casos existe também um treinamento básico para o acompanhamento, além da disponibilidade de supervisão com outros psicólogos. É necessário olhar não só para o significado que um suicídio possui, mas para o sentido que as pessoas próximas ao ente suicida construíram com o fato (GONZÁLEZ REY, 2001).

Antes que alguém possa compreender amplamente o impacto de uma perda, é importante a compreensão do apego. De acordo com Bowlby (1997) apego é um tipo de vínculo no qual a sensação de segurança de alguém está muito ligada à figura de apego e na presença dessa figura se sente confortável para explorar o mundo. Segundo Worden (1998), a tese de Bowlby é de que os laços surgem de uma necessidade de segurança e proteção, eles iniciam logo cedo e são direcionados a poucas pessoas, além disso, tendem a durar por uma grande parte da vida. Formar laços com pessoas significativas é considerado um comportamento normal não só entre crianças, mas também entre adultos. Diferentemente da alimentação e do sexo, o comportamento de apego tem a sua própria motivação interna.

Bowlby (1997) argumenta que o apego tem um valor de sobrevivência. Quando a figura de ligação desaparece ou está ameaçada, a resposta é de forte protesto emocional. O autor sinaliza que existe uma tentativa quase universal de obter novamente o objeto amado perdido, afirma também que pode existir a crença em um mundo onde a pessoa irá se reencontrar com a pessoa perdida. A perda de uma pessoa querida pode representar uma saída do estado de bem-estar, sendo necessário um tempo para que o enlutado retorne a um estado de equilíbrio. Parkes

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

(2009) define o luto como uma importante transição psicossocial, cujo impacto é percebido em várias áreas humanas: cognitiva, emocional, física, religiosa, familiar, social e cultural. O luto também é considerado uma transição, fruto da dolorosa experiência de ter um vínculo emocional rompido com a morte de alguém.

Existe um tabu sobre o tema, segundo Fukumitsu e Kovács (2016), o preconceito que a sociedade possui em relação a este assunto faz com que as pessoas se sintam envergonhadas e hostilizadas, muitas famílias acabam se isolando e dependendo do caso, algumas mudam até de endereço. Existe também uma tendência em tentar achar culpados. A pessoa que se suicidou pode ser culpada por ter abandonado sua família e a família pode ser culpada por não ter conseguido impedir o ato. Esse estigma e preconceito em relação ao suicídio interferem na vivência do luto pelos familiares, pois a relação entre a subjetividade individual e social é permanente e indissociável, o que acarreta em co-construções contínuas e interrelacionadas (GONZÁLEZ REY, 1997).

Por ser uma experiência difícil, o luto é marcado por um sofrimento psíquico que, muitas vezes, provoca adoecimento físico, sendo os fatores sociais determinantes nesses casos. Segundo Worden (1998), a morte por suicídio é um caso no qual a perda é socialmente não comentada. Geralmente quando a morte acontece dessa forma, há uma tendência dos familiares não falarem sobre o assunto, além de não receberem apoio social para lidar com o fato. Todo esse silêncio pode causar danos às pessoas enlutadas que necessitam falar com os outros sobre seu luto para tentar lidar da melhor forma com essa situação.

Diversas reações podem ser desencadeadas, cada indivíduo reage de uma forma e isso, segundo Cândido (2011) depende de vários fatores: a) recursos pessoais de resiliência; b) vínculo com a pessoa que se matou; c) a forma da morte: se foi repentina ou se já havia um histórico de tentativas; d) suporte recebido. O contexto familiar não é mais o mesmo após o acontecimento e todas essas variáveis influenciam no modo de viver de cada um para lidar com essa perda. Conforme uma investigação realizada por Fukumitsu e Kovács (2016), os sobreviventes afirmaram que as dúvidas e sentimentos em relação ao acontecimento os acompanham ao longo de suas vidas. Relataram também que ficaram mais suscetíveis a problemas psicológicos e que as mesmas incertezas e confusão de sentimentos enfrentada pelos

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

suicidas podem ser deslocadas aos familiares, além de se afastarem de outras pessoas no campo social. Esses processos são reconfigurados subjetivamente pelas pessoas que vivenciam esta experiência, ou seja, os indivíduos e as famílias formulam uma nova organização e estruturação sobre a experiência que tiveram. Essa nova organização se dá por meio de como foi vivido, singularmente, o acontecimento suicida, e quais emoções foram suscitadas perante o evento e após o mesmo. Além disso, é importante refletir sobre como o simbólico se encontra para essas pessoas e famílias e como ele é tido e reconfigurado após o acontecimento. (GONZÁLEZ REY, 1997,1999,2001).

Partindo dessas observações, vê-se a necessidade de estudos e estratégias que contribuam no sentido de ajudar essas famílias a desenvolver recursos necessários para lidar com esta situação utilizando processos de pós-venção, que é qualquer ato apropriado e de ajuda que aconteça após o suicídio com o objetivo de auxiliar os sobreviventes a viver com mais produtividade, suporte e menos estresse que eles viveriam se não houvesse esse auxílio. É de extrema importância que ocorra a criação de projetos que desenvolvam as práticas de apoio a essas famílias para que elas possam desenvolver uma capacidade maior de aceitação e reinvestimento em suas emoções na vida e no viver para que haja uma configuração autônoma em relação ao outro (GONZÁLEZ REY, 2005).

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRA, Bianor Domingues. O preconceito da diferença nas relações afetivas: a constituição da subjetividade de um deficiente físico. (2005). Dissertação de mestrado - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos (3a ed.). São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CÂDIDO, Arthur Mamed. O enlutamento por suicídio elemento da compreensão na clínica da perda. Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica - Universidade de Brasília. Brasília. DF, 2011.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. O suicídio e dos desafios para a psicologia. Brasília, 2013.

FUKUMITSU, Karina Okajima; KOVÁCS, Maria Júlia. Especificidades sobre processo de luto frente ao suicídio. Psico, 2016.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. As representações sociais como produção subjetiva: seu impacto na hipertensão e no câncer. Psicol. teor. prat. v.8 n.2 São Paulo, 2006a.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. O sujeito que aprende: desafios do desenvolvimento do tema da aprendizagem na psicologia e na prática pedagógica. In: Tacca, C.(org). Aprendizagem e trabalho pedagógico. Alínea, Campinas, 2006b.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Pesquisa qualitativa em Psicologia: Caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. A pesquisa e o tema da subjetividade em educação. In: Anais da 24ª. Reunião Anual da ANPED, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. La investigación cualitativa en psicología: rumos y desafios. São Paulo. Educ, 1999.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luís. Epistemología cualitativa y subjetividad. São Paulo: EDUC, 1997.

GOULART, Daniel Magalhães. Intitucionalização, subjetividade e desenvolvimento humano: abrindo caminhos entre educação e saúde mental. Dissertação de mestrado em Educação - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2013.

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

MONTENEGRO, Kelly Corrêa. Morte digna e subjetividade - A governamentalidade dos cuidados paliativos. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências da Saúde - Centro Educacional UniCEUB, 2017.

PARKES, Colin Murrae. Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações. (M. H. P. Franco, trad.). São Paulo: Summus, 2009.

ROSSATO, Maristela; MARTINEZ, Albertina Mitjáns. Desenvolvimento da subjetividade: análise de histórias de superação das dificuldades de aprendizagem. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 17, Número 2, 2013,

TUNES, Elizabeth; RAAD, Ingrid Lílían Fuhr . Quando a medicina adoece. In: I Congresso Ibero Americano de Ciência, Tecnologia, Sociedade e Inovação, Cidade do México, 2006.

SCHLÖSSER, Adriano; ROSA, Gabriel Fernandes Camargo; MORE, OCAMPO, Carmen Leontina Ojeda. Revisão: comportamento suicida ao longo do ciclo vital. Temas em psicologia. 2014.

WORDEN, Willian. Terapia do Luto. Um Manual para o profissional de saúde mental. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

II Simpósio Nacional de Epistemologia Qualitativa e Subjetividade

BRASÍLIA, 22 a 25 DE OUTUBRO DE 2019
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UNICEUB